

Editorial

Este volume 12, número 2 de 2011 da Educação em Revista privilegiou um estudo a partir da temática “Educação e Movimentos Sociais”, subsidiando uma discussão muito oportuna acerca da importância do trabalho acadêmico que se insere na relação entre educação e movimentos sociais, possibilitando novas discussões sobre os desafios educacionais dos movimentos sociais no século XXI.

Em tempos de intensificação da expansão do capital monopolista e de sua força política e econômica, debruçar-se sobre as maneiras pelas quais os trabalhadores têm se organizado e se colocado em luta contra o capital é uma tarefa imprescindível, especialmente por parte daqueles que, de certa forma, são pesquisadores comprometidos com os subalternos.

A “crise estrutural do capital”, que não pode ser confundida com colapso do modo de produção capitalista, trouxe consequências nefastas para os trabalhadores: desemprego e subemprego estruturais, aumento crescente da exploração da força de trabalho, expropriação de bens naturais que ainda não estavam mercantilizados, destruição parcial ou completa do Estado do Bem-Estar Social na Europa e destruição da tímida face pública do Estado nos países dependentes, aumento do trabalho infantil e do trabalho análogo ao escravo.

O mapeamento das propostas educacionais de inúmeros movimentos sociais do Brasil poderia ocupar as páginas de quatro ou cinco números de uma revista. Longe de querer representar o vasto leque de movimentos sociais, mas em alguma medida contribuindo para este debate, temos neste número 09 artigos sobre o debate da educação nos movimentos sociais.

Marlene Ribeiro escreveu o artigo “Educação do Campo e Escola Ativa: contradições na política educacional no Brasil”. Silva debateu “O movimento de educação do/no campo: pressupostos fundamentais”. Anúnciação e Cardel se pronunciaram sobre a “Educação rural e as contradições do sistema de ensino: o caso da Escola Família Agrícola do Sertão”. O artigo de Brancaloni e Pinto recebeu o seguinte título: “Olhares acerca da construção cotidiana de uma escola do campo”. Moreira e Fávero encerraram esta parte da revista com o artigo “Materiais Educativos para a Comunicação com a Agricultura Camponesa na Perspectiva da Agroecologia”. Bellizia analisou a “Educação Profissional e Organizações não governamentais: perfil das ONGs que desenvolvem formação profissional de jovens

trabalhadores”. Esteves e Montemór descreveram “Uma proposta de educação não-formal: o Espaço da Criança Anália Franco” enquanto que Pereira estudou “A Educação no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR): A contribuição do Projeto Axé na legitimação da pedagogia social de rua”. No último capítulo encontramos contribuições de Maria de Fátima Felix Rosar que, numa abordagem mais panorâmica, refletiu sobre a “Educação e Movimentos Sociais: avanços e recuos entre o século XX e o século XXI”.

Se é verdade que o capitalismo sob hegemonia financeira não pode avançar sem criminalizar ou estrangular as lutas anti-capital, também é verdade que as estratégias educacionais dos movimentos sociais, dentro de um projeto de transformação social mais amplo, poderão construir uma “sociedade para além do capital”.

Desta forma, com estes artigos é possível aos leitores a elaboração de uma discussão e um pensamento que perspectivem uma realidade nova possível, eivada de condições políticas melhores e dignas de uma vida humana coletiva, indicando a vida social destituída de diferenças prejudiciais, quais sejam, a miséria, a fome, a discriminação, a exclusão e qualquer forma de vida/sociedade que abandone a própria dignidade humana.

Cláudio Roberto Brocanelli
Henrique Tahan Novaes
(Editores)